

AÇÃO E RESISTÊNCIA INDÍGENA
CONTRA AMEAÇAS E EM DEFESA DOS
TERRITÓRIOS TRADICIONAIS



boletim informativo

JULHO
2014

5

DEFESA DOS TERRITÓRIOS TRADICIONAIS

**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**

PROJETO

**Mapeamento
Social**

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS





Impactos da *Acacia mangium*,
desmatamentos e fazendas no
entorno das TI's de Roraima

Ação e resistência indígena contra ameaças e em defesa dos territórios tradicionais

boletim informativo

NÚMERO 5 . JULHO 2014

COORDENAÇÃO GERAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida
CESTU/UEA

Rosa Elizabeth AcevedoMarim
NAEA - UFPA

ORGANIZAÇÃO DESTA EDIÇÃO

Arlene Oliveira Souza
Carmen Lucia Silva Lima
Elaine Moreira
NelitaFrank

COLABORAÇÕES

Genisvan André Melquior da Silva
Simeão Messias
Wanderley da Silva Pereira

REVISÃO DO TEXTO

Arlene Oliveira Souza
Arlete Alves de Oliveira
Elaine Moreira
NelitaFrank

CARTOGRAFIA

Genisvan André Melquior da Silva

FOTOS

Arlene Oliveira
Nelita Frank
Nonato Pereira
Nonato Caetano da Silva
Nathalia Bianca M. da Silva

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

DESIGN CASA 8

Indígenas de Roraima e suas lideranças têm seus territórios tradicionais cercados por **plantios de acácia, assentamentos rurais, fazendas, açudes para criação comercial de peixes** e outros empreendimentos privados como soja e arroz. Eles denunciam, há muito tempo, as injustiças socioambientais que lhes foram impostas, haja vista as ameaças à sociobiodiversidade, à segurança alimentar e à própria reprodução física e cultural dos grupos indígenas. Tudo isso sob o olhar complacente e conivente de governos em todos os níveis do Estado.

No caso da *Acacia mangium*, desde 2002, mulheres, principalmente aquelas que trabalham com artesanato, utilizando fibras de olho de buriti e cipós, e homens indígenas já demonstravam suas preocupações, denunciavam os enxames de abelhas que hoje atacam pessoas e animais. Saltam aos olhos não apenas o aumento das áreas do plantio de acácia, como o aumento dos impactos em suas terras e sua associação com outras iniciativas privadas que fazem o cerco às Terras Indígenas (TI's), já muito pequenas, como é o caso de Muriru, Moskow/São Domingos, Serra da Moça, Truaru e comunidades como Anzol e Lago da Praia. Estas últimas em processo de demarcação e com luta indígena pela retomada de seus territórios.

Desde o início do plantio da espécie, as lideranças indígenas além de denunciar, em reuniões, encontros, assembleias indígenas e em outros espaços, seguiram apresentando as suas dúvidas e suas percepções sobre os impactos dessa iniciativa. Porém, os agentes estatais nunca adotaram medidas para reverter tal situação. Nos últimos anos, a população indígena decidiu documentar, registrando as suas percepções e demandas por resoluções de tais problemas. Dessa iniciativa, resultou a parceria com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), a fim de fazer o mapeamento dos



Locais de reuniões e mobilizações nas TI's Malacacheta e Moscow

conflitos socioambientais que atingem as TI's da região Serra da Lua, nos municípios de Cantá e Bonfim, da região Murupu, no município de Boa Vista, e da região do Taiano, no município de Alto Alegre.

Em 2012, foram várias reuniões e oficinas realizadas com os indígenas para discutir o problema da invasão das acácias nas TI's e comunidades. À medida que a mobilização aumentava, se confirmavam as roças invadidas. Eram roças velhas, novas, grandes e pequenas, invadidas por essa espécie que mais parece erva daninha, quanto mais se arranca ou se queima, nasce mais e isso aumenta o trabalho das pessoas para tentar retirá-las. Quem antes podia circular livremente pelos caminhos e estradas, agora sofre ameaças e restrições em seus deslocamentos, são parados nas estradas pelos homens de uniformes, funcionários da empresa FIT Manejo Florestal Ltda e deparam-se com as placas de proibição de caçar e pescar, expostas pela mesma empresa.

O problema é maior do se imaginava! Esta é a percepção compartilhada por muitas comunidades de várias TI's indígenas. Essas preocupações foram também discutidas no Encontro Regional do "Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – Núcleo Roraima", em Boa Vista, no período de 27 de fevereiro a 01 de março de 2013. Nessa ocasião, as lideranças demandaram que fosse feito mapeamento social dos impactos da acácias, considerando as ocorrências que produzem mudanças nas paisagens de savana e representam ricos de invasão das matas preservadas pelos indígenas, tais como: problemas socioambientais associados aos plantios comerciais; poluição da água dos igarapés e rios, ocasionada pelo despejo de esgoto oriundos dos

Reuniões com lideranças indígenas sobre os impactos da Acacia mangium nas comunidades Malacacheta e Moscow



açudes de criação de peixes, e os desmatamentos e queimadas que se estendem até os limites das TI's. Após novas mobilizações, o projeto Cartografia Social da Amazônia junto com as lideranças indígenas e equipes colaboradoras, realizaram os cursos sobre a "Convenção 169 da OIT", "Legislação Ambiental" e "Direitos Indígenas", "Método Cartográfico, Noções e Uso de GPS". Foram capacitados homens e mulheres para manusear o GPS e tomar coordenadas geográficas de pontos onde eram identificados os problemas pelas equipes indígenas. Outra etapa desse processo foi a oficina de mapas, realizada no período de 01 a 04 de dezembro de 2013, na comunidade indígena Moskow, onde foram produzidos os croquis e os desenhos. Os indígenas decidiram o que seria cartografado e o que deveria entrar no mapa, no fascículo e no boletim.

O presente boletim é um dos resultados desse trabalho. Através dele espera-se que outras pessoas possam ser mobilizadas, para contribuir com a luta indígena na busca de soluções. Seja, portanto, um instrumento de denúncia e de reivindicação em defesa dos direitos indígenas.

A paisagem de Savanas (Lavrado) em Roraima, pela força do capital e ações em nome do desenvolvimento rápido e fácil, foi modificada a paisagem natural para dar lugar aos 30 mil hectares de plantios de Acacia mangium, da empresa Ouro Verde – hoje FIT Manejo Florestal do Brasil Ltda – no entorno dos Territórios Tradicionais Indígenas das Regiões Serra da Lua (TI-Mururu, TI-Moskow/São Domingos, TI-Manoá Pium/Alto Arraia, TI-Malacacheta/Jacamizinho/Jenipapo, TI-Tabalascada/Lage, TI-Canauanin), Murupu (TI-Serra da Moça/Truaru da Serra, Morcego, Anzol e Lago da Praia) e Taiano (TI-Barata/Livramento).

As imagens das matas nas TI's – espaço de reserva de caça, de coleta de frutos da floresta e fonte de matérias-primas para mulheres, homens e jovens indígenas na produção de seus artesanatos, nas coberturas e esteios de suas casas, para o malocão e cercados, são agora ilustradas nas suas divisas pelas áreas descampadas devido aos desmatamentos do que um dia foram áreas de matas, sangradas pelas labaredas vermelhas e os roncões de motosserras, dando lugar a assentamentos rurais que chegam aos pés das serras indígenas, das fazendas com suas boiadas, dos capinzais e cercas de arames nas áreas que ficaram fora da demarcação, deixando as TI's em ilhotas cercadas, e o que lhes resta de mata está desprotegida e vulnerável.



Oficina de mapa na comunidade Moskow, no município de Bonfim



Paisagem da Savana (lavrado) de Roraima



Desmatamento no limite das TI's na Região Serra da Lua

Aumenta o cerco dos empreendimentos privados

Os rios e igarapés, com suas nascentes estrategicamente fora das TI's demarcadas, portanto dentro das fazendas, são represados para promover a abertura de açudes, que só na região Serra da Lua são mais de dez. Nestes, os peixes nativos foram substituídos pela criação de tambaqui em cativeiro para comercialização. No esgotamento desses açudes, os dejetos vão para rios e igarapés atingindo as TI's. Ao largo disso tudo, existem ainda as áreas aradas na estrada que dá acesso ao Bonfim, onde serão realizados novos plantios de soja, além dos de arroz já existentes.

Na região do Murupu, a situação é gravíssima, porque soma-se ao fato das TI's serem minúsculas a exclusão das comunidades Lago da Praia e Anzol na área demarcada na TI Serra da Moça; e, por uma ação estatal, indígenas foram desterritorializados. Atualmente, são ameaçados e lutam para recuperar os seus territórios tradicionais. A comunidade Anzol é uma área em litígio com a empresa FIT que fez os plantios dentro da comunidade, como pode ser visualizado no mapa. E hoje, a FIT está na justiça com uma ação de despejo contra os indígenas, reivindicando a posse e retirada das pessoas da comunidade Anzol.

Como resistência e defesa da Terra e do Território Tradicional as famílias indígenas – Wapichana e Macuxi – permanecem na comunidade onde estão as suas roças, as criações de animais e cemitérios. A empresa FIT fez uma intervenção naquela região e há, atualmente, áreas de plantios de acácias nos limites dessas Terras Indígenas. Em alguns casos, a invasão da espécie é próxima às casas e ao pé da Serra. Assim, como em outras TI's, os rios, lagos e igarapés ficaram fora da área demarcada e as pessoas sofrem muito com a falta d'água. Os poços abertos apresentam problemas de contaminação da água, também há restrições nos deslocamentos daqueles que ali residem.

“A FUNAI disse que precisa fazer um estudo da área para reconhecimento da área do Anzol, precisa ser feito um diagnóstico. A FIT ameaçou derrubar as casas, proíbe pescar, caçar, fazer as roças e nos acusa de vender animais silvestres e mostra mapa da área. Lá tem as fazendas do Mozarildo, dos Ribeiro que vendeu para os americanos plantar soja, tem a área do projeto de assentamento PA Nova Amazônia, tem casas e banhos, os indígenas foram expulsos de lá pelo INCRA e Governo do Estado. Tem placas proibitivas caçar pescar, não entre, ameaça por parte da FIT, plantação de acácias acerca de 50 quilômetros de Boa Vista e a presença de pessoas estranhas e não se sabe se é por fuga da Penitenciária Agrícola. Há impedimento de criações por parte da FIT e outras pessoas, tem o aumento de cobras, raposas, pessoas que são paradas na estrada querendo saber para onde a gente vai, porteiras em fazendas e também, por parte da FIT, tem o aumento de abelhas nos buritizaís, da vassoura de bruxa, nos pés de ingá. Já foi feito documentos para instituições, FUNAI e IBAMA relatando esse tema, disseram que iam verificar” ALEXSANDRO CARLOS DAS CHAGAS, 34 ANOS, ETNIA WAPICHANA, TUXAUA DA TI SERRA DA MOÇA

Há uma similaridade entre a situação da região Serra da Lua e região de Murupu. O grupo encabeçado pelo empresário Walter Vogel, conhecido como “Suíço” comprou ou adquiriu lotes de terras para o plantio de acácias muito facilmente. Segundo várias pessoas, ele as resgatou de dívidas de terceiros, não pagas. No caso de Serra da Lua, o mesmo não teve dificuldade para adquirir fazendas, entrecortando as TI's e consta no projeto do plantio que os recursos do seu investimento vinham de fundos do exterior.

Outras informações afirmam que as terras para o plantio de soja, na estrada do Bonfim, foram compradas por intermédio de

pessoas que atuam no mercado de terras em Roraima a partir da região Centro-Oeste do país e que encontram terras para oferecer aos investidores de fora. O que não surpreende é que essas terras são no entorno das TI's. Alguns depoimentos são reveladores da situação enfrentada pelas populações indígenas.

Queremos a nossa área de floresta que ficou de fora da demarcação!

“O centro da comunidade Malacacheta fica para a entrada da estrada principal, é a parte de savana (Lavrado), o fundo da comunidade faz divisa com as fazendas que chamamos de área fundiária; e tem outra área de fazendas que fica em outro ponto dos fundos. Nós podemos ver tudo isso no mapa do Cantá, onde também se vê a área do plantio de acácia nos limites das terras indígenas Canauanin, Malacacheta e Tabalascada, e ainda tem as vicinais 01 que vai até a comunidade Lage, entra na vicinal 06 e na confiança 02 (assentamentos rurais), tudo cercando a nossa terra. Temos o igarapé do Surrão, o igarapé Capivara, o igarapé Jacamim, e o rio Quitauaú. Alguns estão perto do plantio de acácia e as nascentes deles ficaram nas fazendas. Essa parte e a área que está o plantio de acácia antes era parte da Malacacheta que tinha mais de 33 mil hectares. Mas essa parte ficou fora da demarcação, tem documento do meu avô e outros indígenas que comprova que a terra era nossa. Então queremos a nossa área de floresta que ficou de fora da demarcação da TI-Malacacheta, e que está nessa parte da fundiária onde era uma área de caça e de pesca no

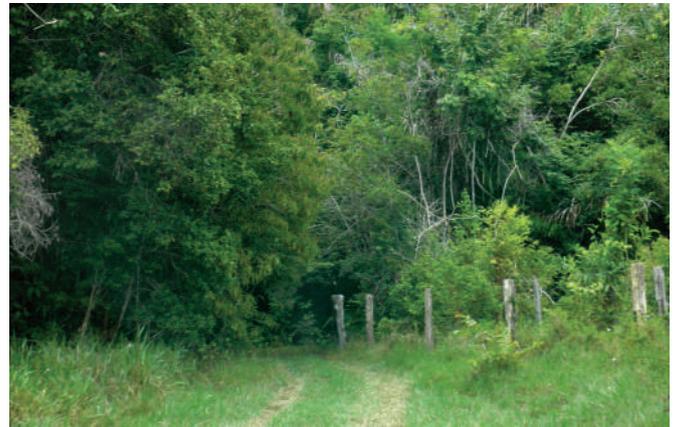


Alexsandro Carlos das Chagas, tuxaua da TI Serra da Moça

igarapé Grande e igarapé do Jenipapo. Lá, nós tínhamos o trabalho de extração de leite de Cumaru, o fruto que dá uma semente dentro e se usa para fazer sabão, perfume e do leite a balata, com a madeira se faz o esteio de casa, as malocas e cercas, lá na fundiária é onde tem tudo de madeira: pau-rainha, cupiúba, maçaranduba, amargoso, caferana, cedro e está no limite de nossa área de mata que precisamos proteger. Nós, indígenas, sempre caminhamos e fazemos expedições para lá que é onde tem a nossa área de floresta e nossa reserva de caça, onde podemos passar dias com esse grupo se alimentando só de caça. Nessa última que fizemos, fomos com 22 indígenas. Nós queremos nossa terra de lá porque aqui no centro da comunidade que é área de lavrado e ao redor desta área não temos os mesmos recursos. Nós tínhamos tudo isso e como ficou fora da terra indígena, ficou desprotegida, porque lá desmataram para fazer retiro de fazenda, plantar capim e outros. Venderam pedaços de terra bem barato, por um mil, dois mil e não tinha nem título da terra. Eles só pararam lá porque viram uma picada, aí eles foram ao INCRA e foram informados que tinha a picada indígena, mas não era reconhecida e que só era dos indígenas o que foi demarcado e homologado. Mas, o que ficou fora nós conhecemos, nós vamos fazer o histórico com as coordenadas geográficas de toda a área, já ponteada com o GPS. Além dessa destruição com a derrubada de madeira, eles estão lá caçando sem autorização. E do lado do Jacamizinho tem o PA (Projeto de Assentamento) Jacamim com mais de 300 pessoas, que foi feito pelo ITERAIMA e tem também nessa área de fazenda e até empresa. Na área onde tem a acácia, onde o Suíço está, na frente era mata; o morador que ficou aí foi o senhor Iris da Rocha Freitas, mais conhecido como Lengo; ao outro lado do igarapé Capivara quem morava era dona Adélia, que vendeu para o Uzeni que foi pai do Dr Uzeni, daí o pai do Uzenir vendeu para o Antonio Vilela e este vendeu para a empresa do Suíço. A empresa arrendou as terras para a criação de gado e criação de peixe, fazendo para isso a abertura de açudes. Para fazer os açudes fecharam as cabeceiras dos



Indígena indicando a planta invasora na TI



Após a cerca e o descampado está a área limite com a mata preservada dentro da TI-Malacacheta



Guardiões da Floresta e dos rios numa excursão de fiscalização e proteção das áreas de mata



Guardiões da Floresta e dos rios numa excursão de fiscalização e proteção das áreas de mata



Rio Quitauau que corta comunidades indígenas na região Serra da Lua

igarapés. Tem igarapé aí que mede mais de 2 km e que foi represado. A água cresceu e os peixes aumentaram e para matar as espécies naturais eles jogaram cal dentro. Era um monte de peixe! Todos mortos e brancos de cal! Depois eles esgotaram a represa e para tirar a sujeira passaram o trator. Aí eles fizeram o monge, uma espécie de parede de onde sai o esgoto cujos resíduos chegam aos igarapés Capivara e ao rio Quitauaú. Eles colocaram lá os tambaqui, mais era muita lama e quando a água parava ela ficava verde” WANDERLEY DA SILVA PEREIRA, 48 ANOS, ETNIA WAPICHANA, TUXAUA DA TI – MALACACHETA

Terras indígenas em ilhas e a invasão “verde”

“Uma planta que ninguém conhecia, nós dissemos, não queremos. Depois disseram que era para fazer papel. Hoje eu sei. É uma planta invasora, fica para nós o trabalho de limpar as roças. Nós não sabemos o futuro, como vai ficar as acácias em nossas terras. Eu tenho medo dela, ela abafa as nossas árvores nativas” SIMEÃO MESSIAS, 57 ANOS, ETNIA MACUXI, COORDENADOR REGIONAL DA SERRA DA LUA

A fala do Sr. Simeão, morador da Terra Indígena Malacacheta, situada no município de Cantá, resume uma história de quase 15 anos de convivência com esta planta, Acacia mangium que, claro, não chegou sozinha aqui no estado de Roraima. Foi um projeto apoiado pelo governo da época, o qual abraçou a ideia como sendo uma proposta de resultado imediato para um modelo de “modernização” da economia do Estado. Esta procura por uma “modernização” a qualquer custo, sempre viu nas Terras Indígenas o empecilho para o desenvolvimento de Roraima. A diversidade cultural, os recursos naturais e a biodiversidade do Lavrado não deveriam ser considerados, diante da possibilidade de se ter nos campos naturais de Roraima a paisagem monótona, mas desta vez verde, que as acácias ofereciam.

Ao lado deste plantio extenso, encontram-se os territórios indígenas, em parte, demarcados e homologados em TI's. Apesar da farta documentação que testemunha a presença e a ocupação tradicional nestas áreas pelas populações indígenas – em particular Wapichana e Macuxi – o território encontra-se hoje dividido em pequenas TI's entrecortadas por fazendas, estradas e acácias. Tal modelo de demarcação ficou conhecido como TI's demarcadas em “ilhas”.

“Em São Domingos estive conversando com as famílias que diziam que antigamente tinha muito peixe, agora não. Nas roças, dava muitos frutos, bananas, abacaxi e agora não dá bom. Com as acácias está dando muitos bichos e a nossa terra, como também a de Moscow são



Plantio de acácia com placa restringindo o acesso de indígenas à locais onde tradicionalmente praticavam as atividades de caça e a pesca



Plantios novos de Acacia mangium na estrada de acesso às comunidades indígenas na região Serra da Lua



Fazenda da empresa FIT Manejo Florestal Ltda no entorno da TI

pequenas, não têm muito milho por causa das abelhas porque o milho quando começam a bonocar as abelhas sugam”. HILÁRIO CAETANO DA SILVA FILHO, 38 ANOS, ETNIA WAPICHANA, COMUNIDADE SÃO DOMINGOS

- Ameaça da empresa FIT
- Restrição de deslocamentos de indígenas com placas proibitivas
- Proibição de caça e pesca
- Ameaça de Fazendeiro

Atividades Afetadas pelos plantios de Acacia feitos pela empresa FIT

- Cultivos de frutos nativos
- Roças familiares e roças coletivas
- Pesca
- Caça
- Confeções de artesanatos

Plantios de Acacia, pela empresa FIT e o entorno das Terras Indígenas

- Plantio da Acacia
- Fazendas sede
- Cidades/municípios
- Área da fazenda - FIT
- Área de fazendas e vicinais
- Limite urbano
- Projeto de Assentamento

Bases Cartográficas

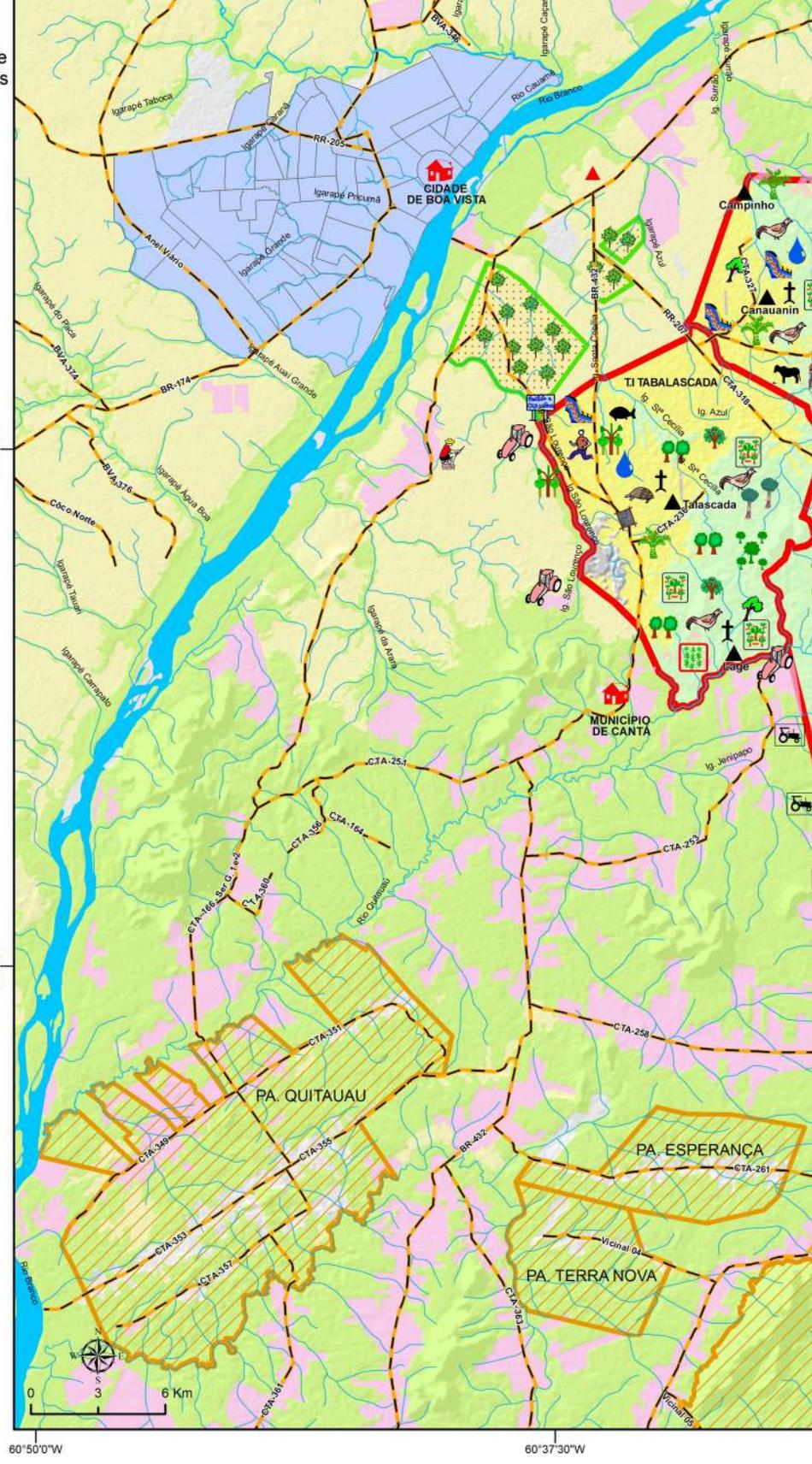
- Comunidades Indígenas
- Rodovias
- Hidrografia
- Limite das terras indígenas
- Lavrado no entorno da TIs
- Floresta no entorno da TIs
- Lavrado dentro da TIs
- Floresta dentro da TIs

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

Mapa situacional - Impactos da plantação de acacias nas terras indígenas. Estado de Roraima

Fonte:
Pontos coletados - comunidades.
Base cartográfica contínua do Estado de Roraima - SEPLAN -RR.
Fundação Nacional do Índio - FUNAI

Cartografia: Genisvan Andre
Sistema de Coordenada geográfica
SIRGAS 2000



O desastre anunciado!

Muitos dos problemas apontados hoje pelos moradores das TI's, rodeadas pelo plantio das acácias, já haviam sido sinalizados em 2002, suas percepções sobre o novo problema que se instalava nesse território foram registradas já naquela época. Suas lideranças solicitaram pareceres de pesquisadores em uma tentativa de entender o problema e buscar soluções. No documento apresentado pelos pesquisadores do INPA/Roraima, como contribuição para a audiência pública realizada no dia 13/11/2002, muito dos testemunhos aqui relatados sobre os impactos das plantações de *Acacia mangium*, já estavam registrados.

“Tem buritizais, árvore cubeiro onde se junta a fruta para pegar o peixe, tem casa de evangelho. Na estrada que vai para a roça, tem uma casa no pé da serra, tem a Serra da Moça e as casas. Estamos cercadas pelas acácias e ela não dá frutos para nós comer, mas está trazendo muito prejuízo com abelhas, que estão espantando as abelhinhas jandaíra que é de onde tiramos o mel para fazer remédios para as crianças, xaropes e outros remédios”. REBECA RAMOS, 57 ANOS, ETNIA MACUXI, COMUNIDADE MORCEGO

Apesar das dúvidas sobre a espécie e as preocupações das lideranças indígenas, a empresa distribuiu cerca de 2.000 mudas em comunidades indígenas. As lideranças denunciavam ainda a abundância de abelhas, principalmente *Apis mellifera*, e problemas de hiper-proliferação: avermelhamento de água de alguns igarapés. Apesar deste esforço por parte das lideranças indígenas, da mobilização conjunta de movimentos sociais locais e do alerta de pesquisadores sobre o processo de licenciamento do empreendimento e dos possíveis danos ao Conselho Estadual de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (CEMAT-RR), o empreendimento seguiu em frente. Hoje, mais de uma década depois do início do plantio, o empreendimento conta com cerca de 30.000 ha. Os impactos sobre a fauna não foram esquecidos na época pelo relatório do pesquisador do Inpa: “A troca do recurso básico por outro (monocultura) pode desencadear processos de troca na população dos animais, afetando toda a cadeia alimentar do ecossistema local”(Reinaldo Imbrozio, Pesquisador do INPA). Outro aspecto é o

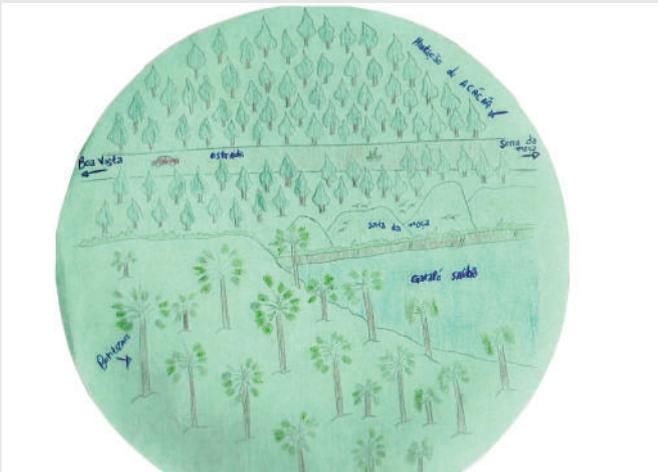


adensamento do número de plantas de forma tão rápida e abrupta, próximo as nascentes dos pequenos cursos d'água que abastecem as savanas, que pode prejudicar sensivelmente o lençol freático destas áreas devido ao desequilíbrio entre a absorção (pelo maior número de indivíduos por unidade de área) e captação de água superficial e subterrânea”.

O impacto do plantio das acácias sobre a água é relatado pelo indígena da comunidade indígena Anzol:

“No rumo do Anzol que faz limite com o rio Truaru, por cima da água fica uma ferrugem e já não existem mais tantos peixes, tem muitas abelhas que atacam pessoas e teve cachorro que foi morto pelos ataques. Eu já fui atacado e hoje não pesco mais por medo dos ataques. Já falei para o tuxaua que temos que tirar as acácias, que cresce rápido e aumenta mais que a gente. O poço secou”. DELWEKELENSON C. BEZERRA, 22 ANOS, ETNIA WAPICHANA, COMUNIDADE ANZOL

As lideranças nunca deixaram de denunciar, apresentar as suas dúvidas e seguiram registrando suas percepções sobre os impactos, já evidenciados em 2002 e, hoje, agravados não apenas pelo aumento das áreas destinadas ao plantio, mas pelo aumento dos impactos em suas terras.



Apresentação na oficina de mapa dos problemas vivenciados por indígenas da região Murupu e estradas que dão acesso a assentamentos, fazendas e vão até a área de mata na TI

Apesar da Constituição de 1988 e da Convenção 169, as preocupações das populações indígenas não foram ouvidas. Embora a Convenção 169 verse sobre a consulta prévia junto às populações indígenas quando empreendimentos acontecerem em suas terras ou que possam atingi-los. Vejamos o que diz o seu artigo 7, a Convenção 169, então lei, no Brasil: “Os povos interessados terão direito de definir suas próprias prioridades no processo de desenvolvimento na medida em que afete sua vida, crenças, instituições, bem-estar espiritual e as terras que ocupam ou usam para outros fins, e de controlar, na maior medida possível, seu próprio desenvolvimento econômico, social e cultural: Além disso, eles participarão da formulação, implementação e avaliação de planos e programas de desenvolvimento nacional e regional que possam afetá-los”.

Como podemos ver no mapa, as TI's, naquela região, estão cercadas pelas plantações e outras políticas de ocupação fundiária que procuram descaracterizar aquele território indígena. O censo do DSEI-Leste (Distrito Sanitário Especial Indígena) de 2012 e 2013 apontam, felizmente, para um crescimento populacional superior à média nacional; os jovens têm acessado o ensino médio e o ensino superior, passam por períodos nos centros urbanos à procura de uma profissão, muitas destas profissões são exercidas em suas comunidades. Rituais, curas e alimento são parte importante nas suas vidas e garantem o seu vínculo àquele território

“Antes das acácias, era cheio de animais, hoje ninguém mais ver isso, os lagos ficaram fora da nossa terra e para buscar os alimentos temos que entrar pelas fazendas”.
SÁVIO AMOS FIDELIS, ETNIA MACUXI, COMUNIDADE LAGO DA PRAIA

As terras em “ilhas” não poderão garantir sua reprodução física e cultural como garante a Constituição Federal, pois elas se encontram duplamente limitadas. De um lado, áreas reduzidas, do outro, as limitações advindas pelos impactos causados no seu entorno: plantio extenso de acácias; açudes, loteamentos e outras monoculturas que insistem em descaracterizar a paisagem dos campos naturais de Roraima. Se no passado, para defender e lutar pelo território, as populações indígenas adotaram a criação de gado como forma de dar visibilidade a sua presença neste território, nesta região os povos indígenas não apresentam nenhuma intenção em adotar a acácia, pois sabem que ela é invasora.

Impactos negativos da invasora *Acacia mangium* nas TI's de Roraima

O Estado de Roraima possui extensas áreas de Savana (Lavrado). Esse ecossistema abriga espécies animais e vegetais essenciais para a sobrevivência das etnias Macuxi e Wapichana, que ali vivem e acumulam amplo conhecimento sobre o ambiente, bem como técnicas tradicionais de trabalho com cultivos e pesca. Historicamente, indígenas exploram a biodiversidade animal e vegetal do Lavrado. Espécies vegetais como Caimbé (*Curatella americana*), Mirixi (*Byrsonima crassifolia*) e Buriti (*Mauritia flexuosa*), de cujas fibras são retiradas matéria-prima para a produção de artesanatos, coberturas de habitações, e ainda, os frutos para a alimentação e medicina tradicional, estão sendo impactadas pelas iniciativas empresariais nas proximidades das comunidades indígenas.

A produção de grãos, a exemplo da monocultura de arroz irrigado e da soja, bem como o cultivo de *Acacia mangium* ameaçam a biodiversidade do Lavrado de Roraima. O cultivo dessa espécie nesse ecossistema foi favorecido por diversos fatores: a adaptação da espécie às condições do solo e clima das savanas locais; a concessão das licenças ambientais pela Fundação Estadual de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (FEMACT), que aprovou o plantio de 30 mil hectares de *A. mangium*, sob a responsabilidade da empresa Ouro Verde, hoje denominada FIT Manejo Florestal Ltda. A facilidade na aquisição de terras do Lavrado, por parte de produtores, pelo baixo custo no valor pecuniário favoreceu a aquisição de vasta extensão de terras, o que mudou radicalmente a imagem da paisagem do Lavrado.

Acacia mangium, espécie vegetal exótica e invasora

Acacia mangium é uma espécie vegetal exótica e invasora. É nativa do Queensland, estado australiano, Papua Nova Guiné, na Oceania, e Indonésia, país localizado entre a Ásia e Austrália. As plantas invasoras são capazes de transformar ambientes naturais, alterar a estrutura de ecossistema, a ciclagem de nutrientes e a oferta dos serviços ecossistêmicos, por exemplo,

“O que a acácia traz para as nossas comunidades?”

NIVALDO MARCELO VICENTE, 35 ANOS, WAPICHANA, TI MURIRU



Roças indígenas e invasão de acácia dentro do roçado na comunidade Moskow

a água. Quando isso ocorre, consequentemente, compromete a biodiversidade ao longo do tempo e gera perdas econômicas e socioambientais. Devido aos seus efeitos negativos, as espécies invasoras afetam a sociedade humana ao favorecer a redução dos meios de subsistência, e ameaçar a segurança alimentar de populações nativas que dependem dos recursos naturais, para sua alimentação, comercialização e reprodução cultural.

Os indígenas, com seus conhecimentos sobre os territórios tradicionais e os saberes específicos sobre o manejo dos recursos naturais, confirmam a invasão da espécie em vários espaços dentro das Terras Indígenas (TIs) tendo efeitos negativos sobre as suas vidas, o ecossistema e seus meios de subsistência. Para eles, os impactos ambientais são, de longe, um aspecto negativo a ser considerado pela empresa FIT Manejo Florestal do Brasil Ltda.



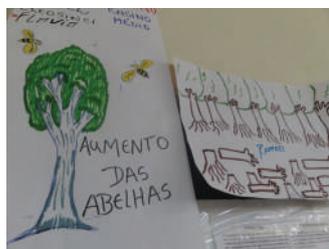
Apresentação de grupos de trabalho das TIs Moskow e Serra da Moça

A vida nas terras indígenas antes e depois dos plantios de acácias

“Antigamente tinha muitas manivas nas roças. Hoje, devido à grande plantação de acácias, encontramos muitas delas, tendo o aumento das cobras, encontramos esses animais até nas casas da comunidade. Não podemos cortar e tirar mais palhas, onde eram as casas de papagaio hoje se encontram as abelhas.”

JESSICA DEBORA RODRIGUES

DA SILVA, 19 ANOS, ETNIA WAPICHANA TI MOSKOW



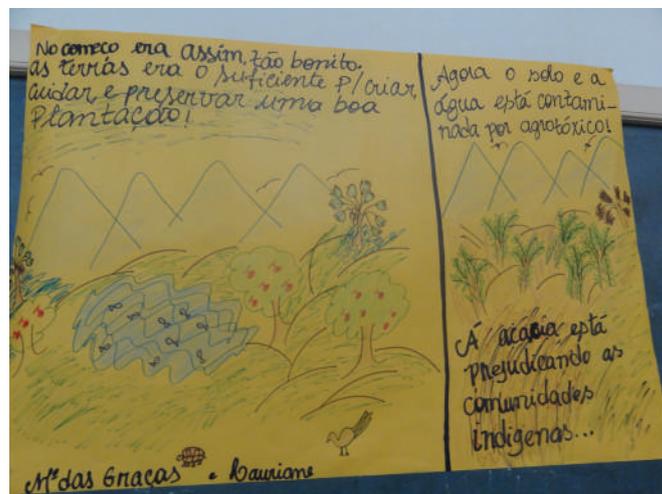
Desenhos produzidos na reunião realizada na TI Canaunanin, representando a percepção indígena sobre os impactos da acácia



Anteriormente ao plantio da acácia, a vida na comunidade era muito diferente como relatam D. Edna e D. Meire, moradoras das TI's Moscow e Malacacheta. Depois da invasão, os prejuízos aconteceram e são percebidos.

“Em 1982, Moscow era lavrado ainda, porque tinha buritizal, caimbé, mas hoje em dia não está havendo mais. O buriti, o mirixi davam frutos naquela época. A gente ajuntava mirixi para fazer suco, mas hoje em dia a gente não está vendo mais esses frutos. A mandioca que nós plantamos hoje em dia dá fina, antigamente dava mandioca bonita e macaxeira bonita. Os igarapés tinham muitos peixes. Depois que está tendo a plantação de acácia, então agora já está prejudicando as nossas plantas. Eu já ouvi muita gente falando que não está dando mais frutos, não está tendo buriti e coqueiro. Hoje em dia os insetos não estão deixando mais os frutos crescerem bonitos. Antigamente não tinha, mas agora onde tem igarapé têm acácias, por aqui, é isso que está acontecendo na comunidade Moscow, quer dizer, aqui na região, está sendo muito prejudicada pelas acácias”. EDNA CAETANO DA SILVA, ETNIA WAPICHANA, COORDENADORA REGIONAL DA OMIR – ORGANIZAÇÃO DE MULHERES INDÍGENAS DE RORAIMA, TI MOSCOW/ SERRA DA LUA

“A vida aqui antes, lavrado, os igarapés, os buritizais, os caimbezeiros. O clima era diferente, não era tão seco como é hoje, a gente plantava na roça e dava bonito, com muita fartura, não tinha esses ratões que faltam carregar a gente hoje, as cobras não vinham pra debaixo de nossas redes, não tinha muita cobra. O mirixizeiro no tempo que tava maduro a gente ia colher, dava pros filhos da gente e ainda dava pra gente, hoje não tem mais isso. A gente podia pescar, os homens podiam pes-



car nos igarapés, nos rios e hoje não. Hoje os homens se limitam a essa área aqui, para as particulares não pode ir mais, varias privações. E a mata era virgem né, não tinha tanto desmatamento, também com isso, se vê a mudança no clima. E os igarapés eram mais limpos, podia beber água, tomar banho, e hoje não, hoje você vê que a água tá avermelhada, não tá mais boa pra tomar e hoje os fazendeiros não deixam pescar. O feijão que a gente planta na nossa roça as abelhas vem e come aquela flor todinha, não dá cem por cento, então a gente não tem muito dinheiro, o dinheiro que a gente tira é da plantação da nossa roça, se a gente não pode ir lá, não tem nem como a gente tirar lucro pra suprir nossas necessidade, a mandioca e as batatas eram mais bonitas e hoje tão só o “fiapinho”...então foi isso”. MEIRE DA SILVA

CADETE, 45 ANOS, ETNIA WAPICHANA, TI-MALACACHETA



A produção de farinha nas comunidades Malacacheta e Moskow e D. Edna na roça indígena

Desmatamento e devastação nas TI's

O desmatamento e a devastação são assuntos que preocupam as comunidades indígenas, as quais se colocam em posição de alerta diante das ameaças aos recursos naturais nas TI's. Nos depoimentos são apontadas as mudanças ocasionadas na natureza, que afetam a qualidade de vida das pessoas e comprometem qualquer possibilidade de sustentabilidade nas comunidades.

Os plantios de acácias cultivados em Roraima, inicialmente, tinham como perspectiva fornecer matéria-prima para indústria de produtos serrados e pasta de celulose. Os defensores deste cultivo advogam a favor do cultivo de acácias no Lavrado de Roraima com os argumentos de que essa espécie pode incrementar o sequestro de carbono e permitir a recuperação de solos degradados, considerados impróprios para agricultura.

Contudo, projetos de florestamento de espécies exóticas produzem alterações nas propriedades físicas, biológicas, econômicas e sociais do espaço onde são implan-

tados. No caso do plantio de *Acacia magium* são diversos os impactos informados pelos indígenas. Os plantios produziram alterações na paisagem, na medida em que a vegetação de savana está sendo substituída por essa espécie exótica, produzindo uma mudança visual nas imagens do ecossistema. As alterações ocasionadas desestruturaram o equilíbrio da fauna ali residente e isso refletiu negativamente no cotidiano das comunidades. Durante as reuniões e oficinas, as pessoas relataram suas percepções sobre o aumento de algumas espécies animais, como raposa, cobra cascavel, mucura, ratos, abelhas, morcego e saúva.

Além desses problemas ocasionados pela plantação de acácia, aflige, também, os povos indígenas o desmatamento decorrente da ação de fazendeiros e de assentamentos rurais, localizados no entorno destas comunidades. Entre os mais impactados com este problema estão as comunidades Anzol, Malacacheta, Muriru, Serra



Sr. Wanderley tuxaua da comunidade indígena Malacacheta indica os locais desmatados pelos fazendeiros no entorno da TI

da Moça e Tabalascada, que têm seus direitos violados. As narrativas indicam a perda de plantas nativas, embaúba, marupá, casca-grossa, pau-rainha, maçaranduba, cedro, coração de negro, caferana e paricarana.

“No Jacamizinho, lá na comunidade Malacacheta, bem lá em frente, as pessoas podem ver um grande desmatamento. Dois deles tem três anos. Antes, você chegava via uma imensidão de matas ali. Quando você vai lá hoje, vai ver uma estrada dentro da mata, vai ver também vários desmatamentos e loteamentos, muita gente

já entrou ali”. EUDEVAN DE SOUZA OLIVEIRA, ETNIA WAPICHANA, TI-MALACACHETA

“A comunidade está sendo prejudicada. Ela tem vários problemas: na mata, o desmatamento; no lavrado, a caça. Aqui também temos limites, todos cercados de fazendas, não pode nem dá um passo para o outro lado, que já é fazenda, temos a vila aqui pertinho. A rede elétrica é prejudicada pela acácia, nós somos os mais prejudicados também. Há vários desmatamentos. Então é isso, nós viemos aqui para apresentar como está a nos-



Desmatamentos, fazendas e assentamentos no entorno da TI Malacacheta

sa comunidade, como estão sendo prejudicados nossos animais. Então, é importante dizer pelos mapas o que a gente tem.... Para o outro lado tem 5.550 hectares pequeno, uma parte é lavrado uma parte é mata; é muito ruim. Antes de chegarmos lá, foi desmatado abeirando o rio. Isso é muito ruim. Cada pau que caiu no rio, não fomos nós que desmatamos. Foram os fazendeiros que moravam antes”. ALBERTO AUGUSTO VICENTE, 48 ANOS, ETNIA WAPICHANA, TUXAUA TI MURIRU

“Aqui era terra indígena, tinha buritizal, as matas, os igarapês, açazeiro que todo mundo conhece. Aqui é o desmatamento. A nossa terra era muita boa. O fazendeiro voltou, ele sabe que é nossa terra, mas assim mesmo ele voltou. Nós estamos pedindo apoio para recuperar a nossa terra, para que continue a nossa luta”. HILÁRIO CAETANO DA SILVA FILHO, 33 ANOS, WAPICHANA, TI SÃO DOMINGOS

“Então é isso gente, estamos apresentando o desmatamento no nosso desenho né. Aqui tem um rio. Por causa disso que está acontecendo, a sereia, já não tem sereia no Muriru. O tatu foi embora pra mais longe, jabuti também, ele quis morar ao lado”. NIVALDO MARCELO VICENTE, 35 ANOS, WAPICHANA, TI MURIRU



B688 Boletim informativo Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação : processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais. – N. 5 (jul. 2014)-Manaus: UEA Edições, 2014

il.; 30 cm.

Irregular.

Coordenação geral do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (CESTU/UEA/PPGCSPA) e Rosa Elizabeth Acevedo Marín (NAEA/UFPA/PPGCSPA).

ISSN 2358-6672

1. Conflitos sociais – Amazônia – Periódicos. 2. Comunidades tradicionais. 3. Desmatamento. 4. Territorialidade. 5. Cartografia. 6. Mapeamento social.

I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marín, Rosa Elizabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811)(05)



A área que a empresa FIT reivindica está dentro da comunidade Anzol, que ficou fora da TI-Serra Moça no processo de demarcação; e como resistência e defesa da Terra e do Território Tradicional as famílias indígenas – Wapichana e Macuxi – permaneceram na área e mesmo assim foi feito o plantio de acácia. O caso está na justiça porque a empresa FIT entrou com uma ação de despejo contra os indígenas.



PROJETO
**Mapeamento
Social**

ISSN 2358-6672

PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO



APOIO

PNCSA –
NÚCLEO RORAIMA

PNCSA – COORDENAÇÃO
GERAL, LIDERANÇAS
INDÍGENAS DAS REGIÕES
DE SERRA DA LUA E MURUPU

